

**Abstract**

Education suffers transformations imposed by the modern world that take the integration of technologies in the construction of knowledge. However, studies on technology almost always revolve around the distance education. Different from most, this search to examine the use of media in the classroom and reflect on the contributions of these resources for face-to-face education. The choice of history course of the State University of Piauí (Uespi) aims to assess how well teachers of a traditional course of Institution mark in the face of technological advances and are prepared for the management of media. As the basis for the thematic analysis-how to reference the following authors: Cruz (2007) discusses the progressive adoption of the media in education and the importance of teacher preparation for the implementation of these features, Gadotti (2000) discusses the resistance of young traditional teaching methodologies and Moran (2000) provides an overview of teaching-learning process from the incorporation of media in face-to-face teaching. Methodically utilizes a qualitative approach to the achievement of results. This is a search explanatory character field and descriptive. The data was collected through questionnaires opened applied with teachers and students of the course. After analysing the data obtained is noted that few teachers include educational media in their performances and that, according to the subject searched, they do not always optimize learning. It becomes crucial to the acquisition of skills for using the media through UESPI teachers training for the proper use of these resources.

Keywords: Face-to-face education. Media. History.

**Inserção, atuação e permanência da mulher nos grupos de capoeira de Teresina-PI: notas etnográficas**

Robson Carlos da Silva¹

Tâmara da Costa Sobral Caland²

Resumo: Com base numa pesquisa do Programa PIBIC/UESPI (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), o artigo tem como campo de investigação as relações de gênero, enfatizando estudos sobre a mulher e sua participação e representação em grupos sociais, tendo como objetivo central investigar como se dá o processo de inserção, atuação e permanência da mulher nos grupos de capoeira de Teresina-PI, a partir de subsídios bibliográficos e por meio da observação participante nos cenários atuais de prática da capoeira, identificando os aspectos teórico-metodológicos de trajetória histórica da mulher e, em especial, da mulher na capoeira, efetivando um recorte geral que desvele a participação da mulher nesse universo. A metodologia empregada na pesquisa constituiu-se de método etnográfico, de abordagem direta, por meio de entrevistas e contato próximo às mulheres pesquisadas nos próprios espaços em que desenvolvem suas práticas. Tendo como principais orientações teóricas as idéias de Priore (2008), Louro (2001; 2003), Romano (2002), Safa (2001), Santomé (1998), Pinto (2003), Costa (2002) e Silva (2005; 2007), a pesquisa apontou como resultado que, na organização hierárquica dos grupos de capoeira, existem poucas mulheres exercendo algum tipo de liderança e a questão do "machismo" é bastante presente no interior desses grupos.

Palavras-chave: Gênero. Capoeira. Movimentos Sociais. Cultura. Participação Social da Mulher.

¹Pedagogo (UFPI), especialista em Supervisão Educacional (UFPI), Mestre em Educação (UFPI), Professor Assistente II da UESPI, coordenador do curso de Pedagogia Regular, Especial e à Distância da UESPI e orientador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UESPI).

²Aluna do curso de Pedagogia UESPI e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UESPI).

1. Introdução

Esta pesquisa surgiu primeiramente de uma curiosidade despertada a partir de nossos primeiros contatos com a capoeira, que, mesmo sendo reconhecida enquanto cultura genuinamente brasileira, ainda é muito desconhecida pelos brasileiros em geral.

O campo de estudo se deu nas relações de gênero, enfatizando investigações sobre a mulher, sua participação e representação na sociedade, em especial na sua inserção, atuação e permanência nos grupos de capoeira.

De acordo com Louro (2001) “gênero” hoje diz respeito aos aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual, opondo-se a “sexo”, que se refere aos aspectos estritamente biológicos da identidade sexual, voltando-se mais precisamente às desigualdades que dividem homens e mulheres, com os primeiros apropriando-se de uma parte desproporcional dos recursos materiais e simbólicos da sociedade.

Até o século XX, as mulheres tinham seu papel inferiorizado, primeiramente estando sujeitas à tutela do pai ou do irmão mais velho e, ao casar, vivendo às sombras de um marido, tendo uma função social pré-estabelecida, necessitando ser a esposa, a mãe, “a rainha do lar”, sem qualquer tipo de poder de decisão. Na atualidade, a mulher busca transformar o modelo de sociedade patriarcal, desmistificando a idéia de que só o homem tem capacidade.

O quadro de luta por conquistas e liberdade de expressão das mulheres, no entanto, convive no mundo inteiro com violências desmedidas, atingindo mulheres das mais variadas classes sociais, idades, condições culturais. No Brasil não é diferente a cada 15 segundos uma mulher é agredida, segundo dados da Fundação Perseu Abramo (PINTO, 2003), apesar de nas últimas décadas ter sido combatida com mais força, através de leis, como a Lei Maria da Penha, em vigor desde 2006.

Diante desse cenário, a pesquisa visa contribuir nas discussões acerca do papel da mulher na sociedade, desvelando formas de preconceitos, estratégias de diferentes tipos de violência contra a mulher, representações das e sobre as mulheres, dentre outros aspectos que envolvem e dizem respeito ao universo do feminino em nossa sociedade, em especial, para os propósitos da pesquisa, da participação da mulher em grupos sociais de Teresina. Dentro desse universo, voltamos nosso olhar para os grupos de capoeira, movimento que, marcado por sua significativa presença no cenário político-social da história do Brasil, ocupa lugar de relevância na atualidade, conquistando espaços nas escolas e

universidades de todo país, sendo objeto de estudo em programas de pós-graduação em mestrado e doutorados em universidades de renome no Brasil e no mundo. Além disso é cada vez mais evidente a necessidade e a relevância de estudos e pesquisas sobre os benefícios e as contribuições da capoeira, inclusive sendo reconhecida em novembro de 2008 enquanto patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Assim sendo, a pesquisa se volta para o universo das mulheres “capoeiristas”, notadamente por se tratar de uma cultura que historicamente é marcada pelo silenciamento sobre a participação das mulheres, construindo um cenário dominado exclusivamente pelos homens, sendo ressaltados como os mais significativos mestres, os mais destemidos, os líderes, ou seja, os que construíram e mantiveram vivas as tradições e os fundamentos da capoeira, como se a mulher não existisse nesse universo.

Muitas mulheres capoeiristas, porém, retratadas, mesmo que em pequenos fragmentos, ao longo da história, principalmente durante a década de 1940, quando se destacaram mulheres que se fizeram passar por homens para participar das rodas de capoeira, tais como “Maria 12 Homens”, “Calça Rala”, “Nega Didí” e “Maria Para-o- Bonde”, além de “Rosa Palmeirão”, que serviu de inspiração para Jorge Amado no romance *Mar Morto*. No entanto, como foi ressaltado, é pouco difundida a história da mulher na capoeira, não se tendo informações, pesquisas, estudos, nem tampouco subsídios a respeito da mulher enquanto um dos elementos centrais na construção do universo da capoeira.

A pesquisa traz um olhar antropológico sobre a participação da mulher em grupos de capoeira de Teresina-PI, investigando em especial a questão da aceitação, da valorização, do preconceito, das relações da mulher nesses grupos, como elas se percebem e como os outros a representam.

O universo da pesquisa é constituído por grupos de capoeira de Teresina, escolhidos e organizados por meio de dois aspectos: grupos centrais, assim denominados os grupos de maior evidência em nossa sociedade, com maior número de praticantes, que realizam e promovem eventos de destaque, os chamados “grupos grandes”; e os grupos periféricos, que possuem pouca relevância social, realizam somente pequenos eventos, envolvendo apenas pessoas da comunidade próxima, com poucos praticantes, são os chamados “grupos pequenos”.

Dentro desses universos, são sujeitos da pesquisa as mulheres praticantes de capoeira, considerando tanto as com maior tempo de prática, como as iniciantes, sendo investigadas sobre suas ações, escolhas, opções, sua

participação, sua importância dentro do grupo, sua atuação, as dificuldades encontradas dentro e fora do grupo devido a sua identidade de “capoeirista”, suas percepções e entendimento a respeito de como os “outros” a representam, dentre outros aspectos que foram identificados como relevantes para a pesquisa. Foi utilizado como instrumento de coleta o diário de campo observacional e as entrevistas semi-estruturadas, bem como registros fotográficos e videográficos das experiências vivenciadas durante a pesquisa, nos momentos de encontros e no cotidiano dessas mulheres em seus grupos de origens e em possíveis momentos de integração com outros grupos.

2. Forjando uma história do feminismo no Brasil

Segundo Costa (2002), embora as análises feministas já sejam detentoras de um vasto leque de estudos, somente recentemente esse campo vem alcançando identidade e significações próprias, evitando qualquer associação a discursos denunciativos reivindicatórios e contestatórios. Foi necessária muita luta e tempo para que galgassem independência de narrativas em que o feminismo era tratado como o “outro”, menor, emergente, diminuído em importância e muitas outras discriminações produzidas culturalmente, a partir da centralidade do masculino.

No Brasil, no entendimento de Pinto (2003), a primeira fase do feminismo teve como foco principal a luta das mulheres por direitos políticos, mais especificamente quanto à participação eleitoral, apresentando três vertentes nas primeiras décadas do século XX. A primeira, forte e organizada, liderada por Bertha Lutz, teve como questão central a incorporação da mulher como sujeito portador de direitos políticos. Da segunda vertente, também chamado de feminismo difuso, participaram na grande maioria mulheres professoras, escritoras e jornalistas. Tem campo vasto de questões, defendiam a educação da mulher, falavam da dominação masculina e do interesse dos homens em deixá-las fora do mundo público. A terceira vertente se manifestou no movimento anarquista, defendeu a liberação da mulher de forma radical e trouxe como tema central, a exploração do trabalho feminino, sua principal representante foi Maria Lacerda de Moura.

A partir da década de 1970, a crítica da cultura feminista conseguiu problematizar importantes questões sobre as relações de gênero, levantando teses a respeito do processo histórico de constituição deste campo no Ocidente e situando o feminino enquanto uma construção social produzida a partir de sociedades patriarcais modernas.

A mulher teve uma posição de destaque no Brasil colonial com o comércio

3. Redefinindo e interpretando os sentidos de “gênero”: fragmentos da história da mulher na capoeira

No universo da capoeira, a trajetória histórica da mulher é bastante obscura, passando por um processo de significativo silenciamento. A capoeira é uma cultura historicamente marcada pelo silenciamento sobre a participação das mulheres, construindo um cenário dominado exclusivamente pelos homens, como se a mulher não existisse nesse universo. Segundo Soares (2002), “as mulheres tinham papel fundamental na cultura escrava urbana, mas eram completamente banidas do universo da capoeira, pelo menos diretamente [...]”.

Na capoeira, as mulheres tiveram de esperar muito tempo para que comesçassem a ter sua participação ressaltada e seu espaço garantido. Somente em meados da década de 70, já no século XX, é que surgem relatos a respeito da participação das mulheres nas rodas de capoeira.

Não podemos pontuar com certeza a identidade das primeiras mulheres capoeiristas, visto serem muito raros os relatos documentais que abordam a participação do sexo feminino no mundo da capoeira. Muito embora, segundo Hora (2008), já no século XVII, existiam mulheres que jogavam capoeira em pleno período colonial, inclusive com significativo envolvimento em ações cotidianas de poder e liderança.

Como foi ressaltado, as histórias perpetuam imagens de mulheres consideradas masculinizadas, notadamente pela violência demonstrada e que eram facilmente identificadas por seus apelidos: Maria Doze Homens e Rosa Palmeirão.

São evidentes também, no entendimento de Barbosa (2005), alguns fatos que denotam a participação das mulheres e sua proximidade com a capoeira, principalmente enquanto cúmplices de seus parceiros capoeiristas, em tempos de proibição da capoeira, facilitando suas fugas e dando cabo de suas armas, bem como avisando-os do perigo da proximidade da polícia.

Assim, na história da capoeira, a participação da mulher passa quase que totalmente despercebida, mantendo-se o papel assumido pelo homem como dominante, central, relegando a mulher a mera coadjuvante, sendo destacadas somente as realizações masculinas. Porém não podemos deixar de ressaltar que essa condição tenta se efetivar a partir das relações de poder que, com forte apelo cultural no Brasil, insiste em manter a condição da mulher à margem, numa situação de submissão em relação ao homem. Isso na realidade, nas relações mais próximas, características dos processos de interação, já não se

sustenta de maneira tão fácil, visto que a presença, a participação, a inserção e a atuação das mulheres no mundo, hoje, acontece de forma significativa, sendo relevante a quantidade de mulheres capoeiristas que começam a assumir posições de destaque no interior dos grupos.

4. Sobre inserção, participação e atuação de mulheres nos grupos de capoeira: linguagens, discursos, representações, entendimentos e etnografias.

São múltiplas as práticas sociais, as instituições e os discursos que cercam os sujeitos, produzindo e reproduzindo identidades, diferenças, distinções e desigualdades, tendo na educação um campo fértil para perpetuação desses quadros.

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação constituem-se em espaços de construção das diferenças de gênero, de sexualidade, de etnia, de classe que se perpetuam pela sociedade e impregnam ideologicamente representantes dos mais variados grupos sociais.

Por meio de mecanismos freqüentemente imperceptíveis e “naturalizados”, a linguagem institui e demarca lugares, não somente pelo ocultamento do gênero feminino ou da sexualidade homossexual, mas também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos e pelas analogias feitas em relação a determinadas qualidades, atributos ou comportamentos. O currículo “fala” de alguns sujeitos e ignora outros; conta histórias e saberes que se pretendem universais; as ciências, as artes e as teorias trazem a voz daqueles que se auto atribuíram a capacidade de eleger as perguntas e construir as respostas que, supostamente, são de toda sociedade.

Em nossa pesquisa, realizada no interior dos espaços destinados às práticas da capoeira, fizemos um recorte representativo que nos permitiu contato com os grupos Cordão de Ouro, Ginga Piauí, Escravos Brancos e Raízes do Brasil, observando as práticas institucionais e culturais. Entrevistamos mulheres iniciantes e iniciadas, com idade entre 13 e 40 anos, com o uso de gravador e apoio de roteiro de questões semi-estruturadas, e realizamos registros fotográficos e conversas informais com mestres, professores e outras pessoas próximas ao universo da pesquisa.

Dedicando-nos a uma forma de rigor que busca o diálogo com as variadas

formas de produção de sentido e de conhecimento e que podem ter origem nos mais diferentes espaços sociais, além de adotarmos uma abordagem multidisciplinar, levamos em conta as impressões, as percepções e o entendimento que as mulheres tinham a respeito de sua inserção e atuação nos grupos de capoeira. Investigamos as formas como as pessoas dos grupos a recebiam, aspectos e fragmentos da representação de elementos da sociedade da sociedade sobre sua participação nos grupos, em especial de seus familiares, além de aspectos que expressassem sua condição de mulher na sociedade.

Assim sendo, nossas análises se debruçaram sobre as seguintes categorias: inserção (motivo da procura pela capoeira), aceitabilidade (reações no interior do grupo), participação (integração e atuação nas atividades), permanência (o que a mantém), preconceito (no grupo e na sociedade) e percepção (visão de si, a partir da condição de mulher capoeirista).

A inserção das mulheres nos grupos de capoeira se dá por quatro motivos principais, a influência de amigos (as), por opção pessoal, a beleza da capoeira e por influência do namorado. Algumas das mulheres afirmam que a influência dos amigos reforçou sua opção devido ao fato de estarem à procura de uma atividade física, enquanto outras definem o incentivo e a entrada no grupo por iniciativa de seus familiares. Em relação à opção pessoal, percebe-se que esta opção vem atrelada ou bem próxima da beleza da capoeira, como muitas afirmaram: “foi ver...e gostei”; “por iniciativa própria, por admirar a capoeira”; “por liberdade, para fazer uma atividade...diversão e melhorar meu convívio social”.

Em relação à aceitabilidade pelos membros dos grupos, todas as mulheres entrevistadas afirmaram ter sido bem aceitas, bem recebidas, destacando como principal fator sua condição de mulher, mas, em muitos casos, foram destacados conflitos em relação ao poder hierárquico no interior dos grupos, notadamente por parte de outras mulheres, aquelas com maior vivência e poder que se utilizavam da condição para intimidar as novatas. Na questão da participação, existe uma unanimidade a respeito da falta de espaço nas posições de poder, que ficam exclusivamente nas mãos dos homens, restando a participação pontual nos eventos do grupo, como fica evidente nas falas de algumas: “participo de eventos, treinos e apresentações...às vezes ajudo na organização”; “participo nos eventos, batizado...enfim, nas atividades normais do grupo”; “participo pouco, mas procuro me integrar de forma efetiva nas atividades do grupo”. Em muitas falas das mulheres se descortina um aspecto importante que é a questão do “machismo” dentro dos grupos, expresso, mesmo que sutilmente, nas ações destes quando evitam que as mulheres joguem à vontade, que toquem os instrumentos, puxem o canto e outros comportamentos, como fica evidente na

fala de uma capoeirista venezuelana entrevistada quando participava de um encontro internacional de capoeira no Piauí: *“As mulheres são colocadas de lado na roda. Os capoeiristas mais graduados não nos deixam jogar à vontade e entram na nossa frente, sem respeito. E quando conseguimos entrar...logo eles nos tiram da roda...também quando vamos cantar somos interrompidas...pegar no berimbau então nem se fala..quase não sobra espaço para as mulheres na roda, são atitudes que revelam um forte machismo na capoeira”*.

A permanência das mulheres nos grupos de capoeira se dá mais por força de vontade, por esforço próprio, porque têm a pretensão e o ideal de se formarem, de ministrar aulas, pela possibilidade de ampliarem sua sociabilidade, sendo que, por outro lado, as fortes pressões preconceituosas da sociedade, os estudos e a gravidez aparecem como fatores de afastamento temporário ou mesmo desistência. Um ponto que merece ser ressaltado é a ênfase que todas dispensam e fazem questão de deixar claro, sobre a não associação de sua permanência nos grupos por causa de seus parceiros.

Finalmente, em relação aos preconceitos sociais e à percepção de si enquanto mulher capoeirista, são valiosas as contribuições obtidas. Vejamos algumas falas:

“Não sofri nenhum preconceito dentro do grupo da capoeira, mas fora, em minha vizinhança, que diziam que ‘capoeira era coisa para homem’. Me sinto uma mulher normal, como as outras. Apesar das discriminações alguns a admiram...já outros acham que capoeira é negócio para homem.”

“Existem preconceitos, pois a capoeira é vista como esporte para ‘malandro’.

“Discriminação? Apenas por parte da família, que afirma que ‘capoeira não é coisa para mulher’, fora do ambiente familiar nunca me senti discriminada por gênero. Existem pessoas inclusive que admiram, acham bonito.”

“Enquanto praticante de um grupo de capoeira, me considero uma mulher forte. Não sinto preconceito da sociedade, somente da família e quase desisti por pressão da família.”

“Tenho uma identidade feminina forte e pretendo treinar a capoeira de igual para igual ou até melhor que os homens. Me sinto outra pessoa quando vou para capoeira e não me diminuo...apesar da discriminação.”

“Me via como uma mulher vitoriosa por praticar capoeira.”

Podemos identificar fortes traços que conduzem ao entendimento de que, no interior dos grupos de capoeira, existem poucas manifestações de preconceitos, porém na sociedade, e principalmente nos espaços familiares, ainda é

significativo o preconceito contra as mulheres que praticam a capoeira. As relações de gênero, no entendimento de Muraro (1992), surgem quando a representação do sexo masculino era dominante, com atribuição ao sexo feminino da condição de submisso e frágil, visto que, na história, o sexo masculino foi continuamente reforçado na imagem do homem e o poder a ele atribuído, enquanto a atuação da mulher era sempre rebaixada à condição de devotada à vida doméstica, com condições fisiológicas e intelectuais inferiores às dos homens. Nesta pesquisa, pudemos identificar expansivos movimentos de afirmação e de participação das mulheres na capoeira, as quais acompanham a sua emancipação na sociedade como um todo, ainda que bastante limitada por conta do contexto cultural enraizado.

No tocante à percepção de si, as mulheres capoeiristas demonstram acentuado grau de confiança e de significância positiva em sua imagem, atribuindo força, persistência, empenho, orgulho e capacidade de superação, notadamente do papel reducionista que a sociedade e a família possuem da mulher, desvelando com consciência os preconceitos e atitudes machistas que imperam não somente na capoeira, mas também, com maior evidência, em outras esferas da sociedade, num movimento contínuo de afirmação do seu valor.

5. Considerações finais

As leituras efetivadas na pesquisa nos permitem afirmar que, historicamente, a mulher esteve sempre à margem dos processos sociais, por conta de uma organização social centrada na figura do homem. Essa situação apresenta sinais da troca desses valores, como demonstram algumas conquistas e avanços das mulheres em vários setores da sociedade pós-moderna, inclusive na capoeira, prática eminentemente masculina em que a mulher, no decorrer dos anos, vem ganhando espaço, respeito, confiança e reconhecimento, com várias contribuições importantes.

Os resultados obtidos na pesquisa demonstram que a mulher vai aos poucos assumindo funções hierarquicamente importante no contexto dos grupos e capoeira, sem atrelar essas conquistas aos homens, sejam seus parceiros ou seus superiores (mestres ou professores). Há, entretanto, fortes conotações de que ainda não conseguem exercer posições de liderança e comando, apesar de algumas contarem com vasta experiência na capoeira, sendo conhecidas e respeitadas por seu desempenho e suas conquistas, o que deixa evidente, ainda, um acentuado “machismo” que insiste em pontuar as relações de gênero em nossa sociedade.

Identificamos que as mulheres iniciam na prática da capoeira, com o intuito apenas da prática esportiva e em busca de amizades, mas acabaram se envolvendo com a música, ginga de corpo, o aspecto de dança, a malícia, dentre outros aspectos, passando a sentimentos mais definidos e marcadamente identitários.

Quanto aos fatores que levam as mulheres a abandonar a capoeira, destacamos a falta de tempo devido ao trabalho ou da escola, por chegar em casa cansada e ficar com preguiça de treinar, devido a casamento ou gravidez, por proibição dos pais, familiares ou namorados, ou por ter terminado um relacionamento com algum dos membros do grupo de capoeira.

Constatamos a existência de um acentuado preconceito da sociedade em geral em relação as mulheres praticantes de capoeira. E podemos relacionar isso ao conceito ainda presente em relação às questões de gênero e que se constitui em construções culturais que apontam aquilo que é considerado de homem ou de mulher, tais como os papéis destinados socialmente para homens e mulheres, o que pertence à esfera do masculino e do feminino, descortinando uma concepção que enxerga na construção de gênero um aspecto natural, ou seja, algo próprio da natureza, numa clara confusão do biológico com o gênero.

Na própria família são identificadas muitas barreiras edificadas desde bem cedo na educação das crianças e que se encarregam de determinar o papel dos meninos como naturalmente próximos da competitividade, enquanto as meninas ficam relacionadas aos padrões de comportamentos de fragilidade e de estética, o que acaba sendo carregado até no casamento ficando a mulher ainda a maior e, às vezes, a única responsável pelo cuidado da casa e dos filhos. Assim uma prática com fortes conotações de luta como a capoeira pode ser facilmente considerada como um esporte agressivo, que não combina com a fragilidade, a estética ou a feminilidade da mulher

6. Referências

BARBOSA, M. J. S. **A mulher na capoeira**. Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies, n. 9, 2005, p. 9-28.

BEAUD, Stéphane;WEBER,Florence.**Guia para pesquisa de campo**:produzir e analisar dados etnográficos.Petrópolis-RJ:Vozes, 2007.

CAMPOS, Hélio J. B. Carneiro. Capoeira na escola. **Sprint Magazine**, [S.l : S.n], p.28-31, set./out.[1995-1996].

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 11.ed. Rio de Janeiro :Rocco, 2000.

FALCÃO, José Luís .C. A capoeira e seus primeiros contatos com as instituições de ensino.**Revista Brasileira de ciências do Esporte**. [S.L], n.16,p. 173-182,mai.1995.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. PRIORE, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

HORA, M. **Mulheres guerreiras capoeiras**. Disponível em: <http://www.portalcapoeira.com/capoeiramulheres>. Acesso em: 23/05/2008.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em Educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LOURO, Guacira Lopes.Gênero e Magistério. IN: CATANI, Denice Barbara et al. (orgs.). **Docência , Memória e Gênero: estudos sobre formação**. 4. ed. São Paulo: Escritura,2003.p.77 -84.

LOURO, Guacira Lopes. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. IN: COSTA, Marisa Vorraber. **O currículo nos limiares do Contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A,2001.P.85-92.

MENEZES, Lilia Benvenuti. **A mulher na capoeira**. Disponível em : < www.mre.gov.br>. Acesso em: 02 de março.2009.



MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRIORE, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. IN: PRIORE, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ROMANO, Amélia H.; MOSSINI, Neusa. **A mulher ocupando espaços**. Mundo jovem. ano XI, nº 324, p.9, mar. 2002.

SAFA, Helen I. As mulheres e a industrial no Caribe: uma análise comparativa da feminização global do trabalho. IN: ARIZPE, Lourdes (org.). **As dimensões culturais da transformação global**: uma abordagem antropológica. Brasília: UNESCO, 2001. p.161-185.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. IN: SILVA, Tomaz Tadeu. **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estados culturais em educação. 2.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. p.156-189.

SILVA, Robson Carlos. **As representações político culturais da capoeira nos livros didáticos**: uma abordagem a partir da Teoria dos Estudos Culturais. Dissertação (Mestrado em Educação). Piauí, Universidade Federal do Piauí, 2005.

_____. **Dos vadios e capoeira**: reflexões sobre a relação da capoeira com grupos políticos do século XIX. IN: FRANCO, Roberto K. Gomes; VASCONCELOS, José Gerardo (orgs.) **Outras histórias do Piauí**. Fortaleza:



UFC, 2007. p.53-66.(coleções diálogos intempestivos,45).

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução a teoria do currículo. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Libano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro**: 1808-1850. 2. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 2002.

Abstract

This paper has the purpose to instigate how women are inserted in social groups, how this role is done and how women are fixed inside Capoeira groups in Teresina-Piauí. This study considers the research program PIBIC-UESPI and bibliography background as well as field acting performance observation from today's scenario considering Capoeira's practice and making an identification regarding methodology and theory of the historical women's participation in society specially inside Capoeira developing a general record concerning the women's role in this particular environment. In order to develop this work, an ethnographic method, and direct approach throughout interviewing women inside their own practice groups were made. Having the theoretical ideas from (2008), Louro (2001; 2003), Romano (2002), Safa (2001), Santomé (1998), Pinto (2003), Costa (2002), Silva (2005; 2007). As result the research presented that the group hierarch organization have few women in commander position and matters of masculinity is a very common issue inside those groups.

Keywords: Gender, Capoeira, Social Movements, Culture, Social Participation of Women.